

IMPLICAÇÕES PARA A RELAÇÃO FÉ E POLÍTICA A PARTIR DO MARCO ANTROPOLÓGICO DE JUAN LUIS SEGUNDO

Paulo Gomes da Cunha Neto¹

Resumo

Este trabalho examina a relação entre fé e política à luz do pensamento do teólogo Juan Luis Segundo, destacando seu horizonte antropológico. Aborda-se o vínculo entre fé e ideologia, evidenciando a relevância da dimensão política e social da fé cristã. A análise fundamenta-se nas obras *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*, *História perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo e Fé e Ideologia*, de Juan Luis Segundo, bem como em *O legado Teológico de Juan Luis Segundo*, de Jesús Castillo Coronado, fornecendo bases para compreender e articular o diálogo entre fé e política.

Palavras-chave: Fé. Política. Ideologia.

1 INTRODUÇÃO

A teologia de Juan Luis Segundo tem sua peculiaridade ao tratar da relação Fé e Ideologia. É central no pensamento de Segundo a compreensão destas como dimensões constitutivas do ser humano. Ainda que duas dimensões distintas, isso não cancela a necessidade de um trabalho conjunto e complementar entre ambas.

A teologia segundiana, tem por objetivo ofertar uma criticidade necessária àqueles que pensam a política à luz da fé. Ademais, Segundo não estimula a dissociar as duas esferas (Fé e Ideologia), porém a compreender suas distinções e complementariedades. No contexto hodierno, a política fundamenta-se demasiadamente de decisões

¹ Bacharel em Filosofia e atual discente do curso de Teologia da Universidade Católica de Pernambuco. Email: paulogomeescnt@gmail.com

manipuladas pelo valor atribuído à religião e à fé como chave hermenêutica da realidade.

No possível aporte antropológico proposto por Segundo, a compreensão e percepção do mundo é norteadas da relação que o homem concede às duas dimensões, Fé e Ideologia. Tal relação não deveria desequilibrar ou hierarquizar estas esferas, mas colocá-las no patamar de similar contribuição para a compreensão do mundo.

Desse modo, o seguinte trabalho tem por objetivo apresentar a teologia segundiana, sua compreensão de dimensões como fé, ideologia, política, além de como essas dimensões também auxiliam na formação de uma imagem acerca de Jesus Cristo. Mediante a discussão, pretende-se também proporcionar e provocar o pensamento acerca da relação fé e política no contexto atual.

2 SOBRE A TEOLOGIA DE SEGUNDO

A teologia de Juan Luis situa-se na realidade do seu tempo, principalmente no tocante ao contexto latino-americano das décadas de 70 e 90. Além disso, Segundo é um teólogo que se preocupa com a liberdade do homem em sua totalidade, por isso, ele não se restringe a busca de verdades absolutas e fundamentalmente “religiosas” apenas, mas também reflete sobre a existência humana com a finalidade de dar forma ao reinado de Deus na história (Coronado, 1998, p. 11).

A teologia para Segundo tem vida e não pode ser simplesmente segmentada em documentos ou tratados, caso aconteça, não poderá ser identificado como um “fazer teológico”. Portanto, encontra-se no seu pensamento não o isolamento em uma teologia escatológica, mas sim uma teologia que contribui libertando e concedendo humanização a homens e mulheres, principalmente os mais vulneráveis na sociedade.

Como supracitado, Juan Luis acredita que a teologia engloba a vida humana, não distante, também a fé precisa estar incluída na história, não sendo apenas uma agente paralela à história concreta da humanidade

(Segundo, 1983, p. 192). Ademais, o Concílio Vaticano II por meio do documento *Gaudium Et Spes* também indica isso quando diz: “a fé ilumina todas as coisas com uma luz nova, e faz conhecer o desígnio divino acerca da vocação integral do homem e, dessa forma, orienta o espírito para soluções plenamente humanas” (GS, n. 11).

Com isso, Segundo convida a superar aquilo que fora herdado por instinto e agora refletir sobre novos modos de protagonismo. O teólogo uruguaio assim o faz, para externar a necessidade de um trabalho da fé à luz da ideologia.

3 FÉ E IDEOLOGIA

Segundo faz uma distinção entre fé religiosa e fé antropológica. No pensamento do teólogo uruguaio, a fé até então citada na relação com a ideologia é uma fé antropológica. Esse “tipo” de fé, reflete os valores humanos criados no homem a partir de uma vivência econômica, social e política que vai desaguar posteriormente em uma fé religiosa, mas agora se denominará por fé antropológica ou de uma dimensão antropológica (Segundo, 1997, p. 23).

Com efeito, a fé antropológica e a ideologia estão amplamente interligadas, tal que os conceitos se misturam e se mostram não somente complementares, mas também universais. Contudo, não se pode confundir seus objetos. A fé antropológica e a ideologia por mais que interligadas, ainda se diferem, pois, a fé trabalhará com o absoluto, enquanto a ideologia com a experiência. Dessa maneira, Segundo entende que a fé antropológica se comporta também como um meio ideológico, a partir do momento que dela acontece a instrumentalização de valores que outrora já foram pregados pelo próprio Jesus Cristo, ou seja, desde a origem do cristianismo essas estruturas já dialogavam.

A fé antropológica deve atuar no exercício teológico, por isso, o aspecto antropológico tratado por Segundo na relação fé e ideologia, gera luz para uma teologia que retrate a imagem de Jesus. Para o teólogo

uruguaio, é de extrema importância que Jesus seja tratado não apenas em ritos ocultos e religiosos, porém, também como aquele que se dirige às massas, e adentra no concreto da vida humana, isto é, na história (Segundo, 1997, p. 31).

Para além do campo espiritual, Jesus agora recebe o papel de figura histórica. Essa atitude não descaracteriza o Jesus religioso, mas adiciona a essa personagem o papel e atitude social. Mediante essa questão, é possível perguntar-se sobre o salvar de Deus e como a relação com Deus agora é modificada por essa forma de pensar. Desse modo, Segundo convida a pensar um fazer teológico que não somente garanta uma possível salvação, mas torne o homem um agente melhor, ou seja, o dê uma resolução concreta para além do pensamento escatológico de salvação (Segundo, 1997, p. 76).

A proposta de Segundo é que as duas dimensões (Fé e Ideologia) compreendem o homem, isto é, lhe são próprias. Nesse viés, a ideologia para Segundo não se reduz a uma construção objetiva de ideias, mas se caracteriza como uma estruturação do real. Por isso, Segundo sugere que toda ideologia é uma interpretação, baseada nas experiências objetivas, do mundo real.

Ideologia, contrariamente à acepção que às vezes adquire de construção subjetiva, significa, no original grego, a forma visível, o aspecto das coisas. Em outras palavras, minha percepção do que é objetivo. Designa, por assim dizer, a sistematização daquilo que se percebe do real. Toda técnica, todo método, toda ciência, tudo o que pretende ter eficácia e dominar os fatos, forma parte de uma experiência objetiva, de um sistema que, por precários que sejam nossos conhecimentos, acreditamos ter apreendido do real (Segundo, 1985, p. 22).

Para o teólogo uruguaio, a dinâmica de valores que os homens adquirem são frutos da práxis, cultura e consciência humana e não uma imposição bilateral de Deus sobre o homem. Ele argumenta que se Deus simplesmente indicasse esses valores, os homens não conseguiriam encontrar critérios suficientes para identificar a Revelação. Logo, indica-se que no seu

pensamento a experiência da Revelação não pode ser separada da história e da subjetividade humana. Com isso, existe uma interação entre a humanidade concreta e a alteridade de Deus. Pensar desse modo, tem implicações teológicas que sugerem a revelação e a construção ética como fruto de um processo dialógico e interpretativo, com isso dando a experiência humana um papel importante (Segundo, 1985, p. 87).

No tempo de Jesus, o marco antropológico pensado por Segundo, foi de suma importância para o reconhecimento de que Deus estava Revelando-se a humanidade. O teólogo destaca que não foram os religiosos que primeiro reconheceram, pelo contrário, eles são os que mais tiveram dificuldade em aceitar Jesus como a Revelação de Deus. O que ditou o reconhecimento de Jesus como a Revelação de Deus, para Segundo, foram justamente os valores adquiridos na experiência de vida, que, antropológicamente, foram também experienciados pelo próprio Jesus. Nos diz Juan Luis: "...somente aqueles que já tinham valores afins reconheceram essa revelação como proveniente de Deus. Os mais "religiosos" entre os contemporâneos de Jesus não viram nele qualquer presença ou atividade divina" (Segundo, 1997, p. 86).

4 FÉ E POLÍTICA

No pensamento de Segundo, a ideia de vivência da fé em um plano abstrato e separado das lutas da vida humana, deve ser superada. Por isso, para ele, fé e política são esferas que não podem ser dissociados, pois só é possível viver a fé cristã se imersos na realidade histórica da humanidade. Juan Luis citará vários problemas que incidem na relação do homem com a política e seu protagonismo. Ele defende a atuação protagonista do homem na política, que, guiado pelos valores da fé antropológica, deve sempre se impor para cooperar com que as decisões e atitudes coletivas passem também por sua reflexão ao olhar e julgamento da fé.

Para Segundo, há perigo quando as decisões, os decretos, as discussões:

Ficam reduzidos ao limitado grupo dos que tomam decisões políticas, ou seja, dos poucos homens que ocupam o poder, além, claro está, dos circuitos homeostáticos individuais e privados que nenhuma repressão consegue controlar de maneira eficaz e total (Segundo, 1983, p. 312).

Contudo, na esfera religiosa ainda existe uma resistência acerca do pensamento que engloba Jesus na perspectiva política de sua época. Comumente utiliza-se de sua divindade para dizer que ele não fez uso da política para expressar sua mensagem. Entretanto, para Segundo, essa resistência não acontece por um simples pensamento sobre a transcendência. O maior bloqueio é com a condição de vida de Jesus em meio a essa realidade, ou seja, que Jesus não somente viveu a política de sua época como englobou um discurso político, enquanto alguém que vive os valores antropológicos e ideológicos de seu povo (Segundo, 1997, p. 171).

Partindo disso, essa separação não seria de fato para expor a natureza divina de Jesus, como supracitado, mas sim para limitar e diminuir, mesmo que indiretamente, a atividade dele. Falar sobre política, e isso inclui sua semântica, requer um necessário cuidado. Para o teólogo Uruguaio, o modo de fazer política de sua época acabara refletindo um reducionismo do significado do termo. O que de fato acontece na política, é, para Juan Luis, uma luta de interesses pessoais e ambição pelo poder, ou seja, se resumem como uma disputa e não em um trabalho conscientizador.

Por isso, a diferença de Jesus está em como ele utiliza da política para transmitir sua mensagem. De tal modo, Jesus não age como um político através do poder, mas diz Segundo que “Jesus prepara esse governo (...) transformando as consciências...” (Segundo, 1997, p. 178). Ora, Jesus expressa os valores antropológicos como meios transformadores da política. Para Segundo, Jesus não somente faz política, mas faz baseado nos valores antropológicos que ele mesmo pregou. Isto argumenta positivamente na concepção de Jesus como um alguém político que não se afasta do homem religioso, mas, através dos valores da religião, sem esquecer a fé antropológica, faz política.

Nesta ótica, no pensamento segundiano, Jesus é a exemplificação da adequada proximidade que deve haver entre ideologia e fé. Suas atitudes são expressões de alguém capaz de praticar tanto a fé antropológica, quanto a ideologia e na complementariedade tornar o objetivo absoluto e concreto o material de suas atitudes na história, isto é, utilizar das ideologias inspiradas e julgadas pelos valores antropológicos (Segundo, 1997, p. 178). Por isso, trazer para a chave hermenêutica hodierna a relação entre fé e ideologia, é pensar que as opções históricas e culturais devem ser parâmetros para que se introduza concretamente as opções de Jesus.

A ausência de compromisso com a história, a partir das realidades social e política, reduz Deus a aquilo que mais se teme, a uma ideologia que se molda a partir de interesses e detrimento de outros. Portanto, o teólogo jesuíta indica que “a chave de linguagem capaz de introduzir o leitor no significado pré-pascal do pensamento expresso de Jesus é a política” (Segundo, 1997, p.169). A relação fé e política encontra razão naquele que é eixo para a fé religiosa e a antropológica, Jesus Cristo.

Com ele compreendemos que a fé, quando utilizada dentro da política, age conforme um ideal e logo uma ideologia. Desse modo, ela interfere no meio pelo qual interpreta-se o mundo e age dando forma a ação individual e coletiva do homem. Ademais, se a ideologia é vista como a estruturação perceptiva do mundo real, a fé é a dimensão capaz de moldar interpretativamente esse horizonte. Dessa maneira, fica evidente que, para Segundo, há a necessidade de uma análise minuciosa acerca da relação fé e ideologia e logo fé e política, a fim de evitar a atitude ilusória do “agir com neutralidade” ou a adesão acrítica a modelos políticos que não convergem com o evangelho (Segundo, 1997, p. 169).

Orientando-nos para o risco de a fé perder seu caráter social, Segundo propõe um trabalho conjunto de fé e ideologia que se expressa como um aporte antropológico. Juan Luis sugere que fé e ideologia são inseparáveis, pois caso a fé trabalhe sem ideologia, ela torna-se como um horizonte desestruturado do real, pois não contém as ferramentas necessárias de

transformação. Em contrapartida, se a ideologia não contém a fé, lhe falta o meio interpretativo capaz de gerar transformações efetivas que transformem o mundo real.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Juan Luis Segundo ajuda-nos na reflexão acerca da política hodierna. Com base no seu pensamento, é possível identificar a real necessidade de conter no desenvolvimento da fé, a tamanha criticidade acerca das ideologias, o que a tornará capaz de servir à justiça social ao invés de contribuir na legitimação de estruturas do domínio. Por meio disso, procurar recuperar uma fé que, complementada pela ideologia, seja capaz de propor à política o desafio de não se tornar composta por grupos dominadores e hegemônicos, mas sim pela prática da justiça social.

Portanto, compreende-se que fé e ideologia, como nos diz Segundo, são dimensões distintas, porém que se complementam. São complementares e necessárias de um trabalho coeso e adjunto para o melhor desenvolvimento da relação fé e política em vista da ação madura e transformadora na perspectiva do Reino de Deus.

REFERÊNCIAS

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. *Constituição Dogmática Gaudium et Spes*. Vaticano: 1965. Não paginado. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat_ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 1 ago. 2025.

CORONADO, Jesús Castillo. *Livres e responsáveis: o legado teológico de Juan Luis Segundo*. São Paulo: Paulinas, 1998.

SEGUNDO, Juan Luis. *Fé e ideologia*. São Paulo: Loyola, 1983. v.II

SEGUNDO, Juan Luis. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos Sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997.

SEGUNDO, Juan Luis. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulinas, 1985. v. (Coleção teologia hoje).